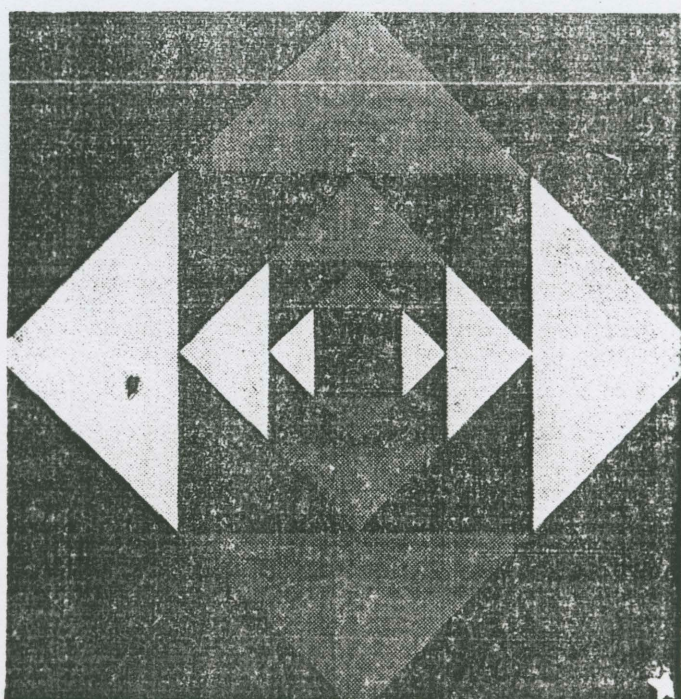




Leopoldo Raimo, "Composição"



Luis Saciloto, "Concretion 6733"

IV Bienal de São Paulo

F.M. 10.867.57

SEGUNDO LOTE DE PINTORES NACIONAIS

ALUISIO CARVÃO apresenta sobre base clara de eucatex quatro oleos com temas respectivamente circulares e triangulares. Técnica segura, processo limpo, com valores autônomos em relação uns aos outros. Obtem feitos de contraponto e insere cromatismos sensíveis. Willis de Castro cinge-se à modalidade concretista, com uma expressão muito vivaz, estática e dinâmica simultaneamente em suas esferas rubras. Uma única peça, como é o seu caso, não possibilita uma avaliação de sua técnica que contudo resulta pessoal, sincera e conscienciosa. Ligia Clark expõe superfícies moduladas em planos, sobre madeira compensada. Sobreabundância de cores e desenvolvimento de linhas. A unidade em esmalte sobre eucatex de Valdemar Cordeiro é uma construção sensível, de imponente espacial e dinâmica arremesando-se centrifugamente do quadro para a periferia. Efeito ao mesmo tempo agressivo e bem articulado.

Quanto os pintores acima citados têm de clareza meridiana, como superfícies ao sol, Milton Dacosta possui de horizontes diluculares ou noturnos, quais estojos abertos, azuis, vermelhos, roxos, marrons e pretos, contendo em seu amago geometrizações que lembram tendas em desertos ou alcaçovas em mesetas áridas. Cada vez mais Milton Dacosta tende para o construtivismo centripeto, conseguindo efeito

José Geraldo VIEIRA

equitativo de substância cromática com densidade de miniatura. Organiza assim uma elaboração microscópica, simplificando ao máximo elementos básicos com as suas invenções cúbicas ou triangulares. Aglomera bem os componentes, partindo da disciplina pós-cubista e da estratificação purista. Assim, se na Bienal passada suas cabeças humanas passavam a ser esferas, convergindo para uma anatomia arazante, já agora seus exteriores noturnos são paisagens com sínteses de jóias, muito embora tenham analogias ainda figurativas com lances góticos ou com BUILDINGS de Chicago. Decididamente, com sua capacitação técnica, Milton Dacosta é uma espécie de artefato medieval prefabricando catedrais e alcaçovas com a pura substância da refração ótica.

Danilo di Prete, que abandonou suas naturezas mortas aveludadas de cores epidérmicas, entrou para o abstracionismo investindo-se na posse mágica de composições cósmicas, cujas estruturas consegue fazer ressaltar em CLOSE-UPS.

Jacquez Douchez apresenta uma tela, PAIXÃO, que, ape-

sar do nome, está mais perto da mística de Dewasne do que da religiosidade de Manessier.

Da Escola de Paris, conquanto para cá tenha vindo ainda como retratista, tem desenvolvido frisos repletos de ritmo em torno dum eixo, ora vertical ora horizontal onde formas e cores se organizam.

Ernani Mendes de Vasconcelos tem apenas uma unidade no certame a objetivar seu processo, faltando-nos assim elementos comparativos quanto a uma possível constante o uma eventual evolução. Trata-se duma COMPOSIÇÃO com evidente escrupulo artesanal.

Quanto a Alfredo Volpi, que pode ser incluído quanto ao acervo apresentado ainda na tendência figurativa quanto a temas e na tendência abstrata quanto às cores absolutas e autônomas, apresenta quatro telas que o diferenciam por completo dos trabalhos apresentados nas Bienais anteriores. Superfluo será acrescentar aqui períodos apologeticos à sua fatura, composição, cromatismo e excelência de metier.

Uma retrospectiva de todos os seus estagios está a impor-se na próxima Bienal, a fim de poder avaliar-se sua capacidade proteriforme. O que está exposto no presente certame são unidades cromáticas predominantemente expressivistas como efusão fibrilante de cor, sendo que a tela PORTEIRA indica um caminho novo, contrapuntístico. Ora, abrindo-se essa cancela sobre a sua

obra anterior, a figurativa episódica, e a de fachadas sintéticas, teria-se ensejo de averiguar o sacrifício voluntário de Volpi em abdicar do temário analógico para cingir-se a incrustações de cores, ritmos e contrapontos, iterações bem organizadas (como aquelas bandeiras), conquistando afinal uma concisão profunda, tão viva e potencial como semelhantes com formas geométricas.

Este é o conjunto da pintura brasileira nesta IV Bienal de São Paulo. Ausência quase total de figurativos; repetições de abstratos, disciplinas de concretistas. Raros primitivos, nenhum surrealista, ausência total de tachistas.

Comparada com a pintura dos outros países, a nacional não está aquém nem abaixo; mas parece apenas um mostruário de possibilidades e não um conjunto de capacitações com suas respectivas variantes. O rigor do júri prejudicou por certo os conjuntos individuais; artistas há ali que estão amputados, em meras parcelas, sem suas características específicas, de maneira que o júri de premiação não dispôs de quantidade para deduzir, contrariar, alinhar e definir-se. Mas se o júri foi rigoroso, prestou ainda assim um serviço à classe artística: vai obrigá-la a interessar-se pela Bienal, a trabalhar, organizar sua contribuição, por-se em dia com os movimentos mais avançados, adquirir revistas, informar-se das exposições europeias, ler críticos didáticos, emular-se, confiar em sua programação; e não apresentar ao caso eventuais trabalhos, nem realizar à última hora variantes dum processo seu já transformado em vazo e em reflexo condicionado.